

2

Discurso na cerimônia de assinatura do decreto de expansão do uso de gás natural em veículos movidos a gás natural

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 12 DE JANEIRO DE 1996

Senhor Ministro das Minas e Energia, Dr. Raimundo Brito; Senhores Ministros que estão aqui presentes; Senhor Presidente da Petrobras, Dr. Renó; Senhores Líderes Empresariais da indústria automobilística e do setor de combustíveis; Senhoras e Senhores;

Mais uma solenidade simples, patrocinada pela ação do Ministério de Minas e Energia, com a cooperação de vários Ministérios – aqui presentes os dos Transportes, do Meio Ambiente, de Ciência e Tecnologia, de Indústria e Comércio – da Petrobras, da Casa Civil, para marcar um passo adiante no caminho da retomada de um rumo para o nosso país.

Tive uma preocupação, sempre muito grande, com a questão da matriz energética. Essa preocupação não é só minha; naturalmente, é de muitos brasileiros. O desequilíbrio nessa matriz energética, no sentido de que a utilização do gás era muito baixa em comparação com a de qualquer país industrializado em desenvolvimento, chamava a atenção. E encontrei forte apoio, não só no Ministério de Minas e Energia, mas nas empresas que o compõem, no sentido de uma revisão dessa matriz energética. Com muitas vantagens: vantagens quanto ao custo, vanta-

gens quanto ao meio ambiente, notadamente, na utilização do gás, e vantagens no que diz respeito a uma revisão do modo pelo qual o Brasil se insere no contexto da América do Sul.

Atribuo grande importância a esse fator último que mencionei. Ele viabiliza uma integração econômica, da qual, realmente, cada uma das partes possa se beneficiar. Repito sempre, vou repetir mais uma vez hoje, que nós mudamos o nosso esquema de compra de petróleo, e a Petrobrás foi fundamental nisso.

Desde que fui Ministro das Relações Exteriores no Governo do Presidente Itamar Franco, nós mudamos a política de compra de petróleo. O Brasil não comprava uma gota de óleo da América do Sul, a não ser um pouquinho da Venezuela, um certo tipo de petróleo mais refinado. Passamos a comprar 1 bilhão de dólares da Argentina. Isso teve um impacto muito positivo no Mercosul, porque, até então, a Argentina era deficitária na balança comercial, e não é boa uma relação que se estabeleça na base de que um sempre ganha e o outro sempre perde. Relação boa é quando os dois ganham.

Essa alteração também permitiu que expandíssemos as vendas dos nossos produtos manufaturados para a Argentina e que a Argentina tivesse a possibilidade de vender petróleo ao Brasil. Claro que não é só o petróleo, eles também vendem produtos manufaturados, mais de 1 bilhão de dólares – sabemos que, hoje em dia, os números são muito vultosos no comércio internacional –, que não é uma cifra desprezível.

Estamos fazendo, agora mesmo, acordos com a Venezuela, entabulando negociações fortes para comprar petróleo dela.

O Ministro Raimundo Brito acaba de dizer que a Venezuela está interessada na tecnologia brasileira de veículos movidos a gás. Nós também estamos estudando a utilização de certas técnicas de que a Venezuela dispõe, de petróleo. Estamos fazendo *joint ventures* com a Petrobrás e a PDV, Pedvesa, que é a companhia venezuelana de petróleo, o que vai permitir, realmente, a formação de uma empresa importante de brasileiros e venezuelanos, que vai poder atuar em nível internacional, além do que a Petrobrás já faz, como foi mencionado pelo Ministro Raimundo Brito, em outras áreas.

No caso específico do gás, acredito que estamos há poucos passos de concretizar o gasoduto, trazendo o gás da Bolívia ao Brasil. Há muitos problemas, todos sabemos, de preço e composição de capital, financiamento e tal, mas estamos avançando nessa direção. Dentro de pouco tempo, esse gás vai ser utilizado como fonte de energia no Brasil, e isso é muito importante. E não só esse, como o da Venezuela, o da Argentina também e, quem sabe, no futuro, o do Peru.

A Colômbia dispõe de carvão abundante e de boa qualidade. Precisaremos buscar uma maneira de utilizar o carvão colombiano aqui no Brasil, porque isso transforma o processo de integração num processo calcado numa realidade. Ao mesmo tempo, é uma transformação no que diz respeito ao sistema de transportes.

Estamos já, na questão da ligação da Argentina e do Uruguai com o Brasil, com o melhoramento da BR 101 e da BR 116, que são fundamentais como eixos dessa integração.

Há ainda a integração hidroviária. E aí também há avanços grandes no rio Paraguai, para mencionar uma bacia hidrográfica que facilita o comércio internacional, que permite a ligação do Mato Grosso, da Bolívia, do Paraguai com Nueva Palmira, e isso vai permitir um outro tipo de utilização desses nossos caminhos hidroviários – quem sabe, no futuro, a integração do Tietê–Paraná e a possibilidade, com uma transformação, com a intermodalidade também, da utilização do rio Paraguai e do rio Paraná e, mais adiante, do rio da Prata.

Isso tudo está modificando a nossa inter-relação na América do Sul, para benefício de todos, dos países vizinhos nossos e nosso também, porque somos grandes consumidores de energia. Começamos com o Paraguai. E, hoje, precisamos de mais energia.

A questão da utilização do gás se enquadra nesse aspecto mais amplo, nessa moldura de uma nova situação do Brasil na América do Sul e de novos momentos do nosso processo de crescimento econômico. Que ninguém tenha dúvida, nós vamos continuar crescendo.

Não gosto de falar em 4, 5, 6, 7 por cento: tem que ser um crescimento sustentado, um crescimento que não cause problemas mais adiante na balança de pagamento, que não cause pressão inflacionária, que

poria por terra os ganhos, que são imensos, da população brasileira em termos de estabilização. Mas continuamos crescendo – e que continuemos crescendo.

Não se trata de estabilizar a economia sem crescimento: é estabilizar crescendo. Nesse contexto, esse passo da utilização do gás em veículos é também significativo, porque vai permitir novo impulso nessa mesma direção.

Creio que os dados fundamentais já foram transmitidos pelo Ministro Brito e todos aqui os conhecem melhor do que eu. Só queria acrescentar estas palavras, para dizer que não se trata de um ato isolado. Nós temos rumo, temos uma visão do que vai ser o nosso crescimento, temos consciência dos passos a serem dados – e isso é fundamental. Não é uma ação isolada aqui e acolá: é um conjunto de ações numa mesma direção, com uma filosofia bastante definida, clara, que o País sabe qual é, precisa saber cada vez mais, para ter cada vez mais sustentação. E só assim vamos efetivamente produzir mais empregos e crescimento econômico de forma sustentada e, ainda por cima – em homenagem aqui ao meio ambiente –, quanto possível, um crescimento que não cause transtornos a esse meio ambiente, que se utilizem os recursos mais limpos, *clean*, nesse processo todo. Vejo o riso do Ministro Vargas, que na Ciência e Tecnologia precisa ajudar e está ajudando, mais ainda, para que possamos fazer tudo isso dentro de uma tecnologia que nós próprios possamos desenvolver com mais empenho, aqui no Brasil, através das nossas empresas, as públicas e as privadas, e é o que estamos levando adiante.

De modo que quero, simplesmente, ao dizer isso, congratular-me com todos que se juntaram para que isso fosse possível: os empresários, os consumidores, o Governo. É assim, com parcerias cada vez mais insistentes no mesmo rumo, que vamos levar adiante o nosso país. Tenho muita convicção nisso que estamos levando adiante e em que nada nos tirará do rumo que já está definido.

Muito obrigado aos senhores.